



león ferrari

for a world with no Hell

galeria

nara roesler



A **Galeria Nara Roesler | New York** apresenta *León Ferrari, Por um Mundo Sem Inferno*, exposição que reúne vinte e duas colagens que investigam temas recorrentes na produção do artista tais como o amor, a linguagem, religião e poder. Com curadoria de Lisette Lagnado, curadora da 26ª Bienal de São Paulo (2006), a mostra é a segunda de duas exposições de Ferrari organizadas pela Galeria Nara Roesler em 2018.

A exposição em Nova York foi concebida especialmente para o espaço da galeria. Segundo Lagnado, “a seleção atual visa sublinhar um dos elementos fundamentais de uma vida artística que perdurou aproximadamente sessenta anos: o prazer erótico. A exibição é estruturada em torno da colagem *La Venus Tocada* em que uma escultura nua e sem braços é acariciada por onze mãos humanas. O número ímpar sugere a intrusão da mão do artista na imagem, enquanto a representação da figura voltada para trás agrega um valor andrógino à definição de beleza”.

As colagens adicionais foram produzidas entre 1986 e 1988 e entre 1996 e 1998. Enquanto estas tem sua temática voltada ao amor, a curadora menciona “sua concepção, longe de platônica, desafia a discriminação contra a homossexualidade, e a misoginia das escrituras sagradas, marcadas pelo castigo e pelo inferno.” O artista desafia a permissão paradoxal do imaginário sexual e violento presente na iconografia religiosa, enquanto existe uma censura do imaginário sexual relacionado ao prazer. Durante sua carreira, Ferrari produziu peças que desafiaram os mandamentos e doutrinas políticas e científicas. Assim, a relação entre Arte e Poder definem o corpo de trabalho de Ferrari, que denuncia veementemente a violência.

Em sua seleção, a curadora combina trabalhos artísticos que usam de iconografia oriental e braille como meios de expandir o repertório visual além da estética Greco-Romana e incluir a energia sensorial. A importância do braille é alinhada à investigação da linguagem, que é central para a prática de Ferrari.

La Venus Tocada, 1964
caixa com colagens
21.1 x 14.2 x 2 in

sobre León Ferrari

León Ferrari (1920, Buenos Aires, Argentina – 2013, Buenos Aires, Argentina) é um dos artistas latino-americanos mais consagrados mundialmente, aclamado na Bienal de Veneza de 2007, pela qual recebeu o prêmio Golden Lion em reconhecimento por sua obra que, até o fim da vida, o motivou a contestar o mundo em que vivemos. Em sua prática artística, faz uso de distintas linguagens como a escultura, o desenho, a escrita, a colagem, a assemblage, a instalação e o vídeo. Este conjunto heterogêneo de práticas integra temas que revelam seu caráter de pesquisador e ativista como a investigação estética da linguagem, o questionamento do mundo Ocidental, o poder e a normatização que dita os valores da religião, da Arte, da Justiça e do Estado, a reverência à mulher e ao erotismo e a representação da violência. A repetição, da ironia e da literalidade também são recursos de sua poética, reconhecidos desde suas obras iniciais.

Na década de 1960, os desenhos e as esculturas de Ferrari são permeados, em especial, pelo questionamento ético da religião e a denúncia contra o Imperialismo. Em 1976, um golpe militar forçou o artista e sua família a deixar Buenos Aires, mudando-se para São Paulo, onde permaneceram até a década de 1990. Durante sua permanência no Brasil, Ferrari integrou-se ao circuito da vanguarda experimental local, envolvendo-se com o processo de revitalização da linguagem através da produção de heliografias, fotocópias, instrumentos musicais, concertos e arte postal. Ao retornar à Argentina, o artista continuou a produzir obras de arte politicamente engajadas, questionando os desaparecimentos que aconteceram durante a Ditadura Militar.

Seus trabalhos foram exibidos em grandes exposições internacionais, como: The Words of Others: León Ferrari and Rhetoric in Times of War, Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA, 2018, e Roy and Edna Disney/CalArts Theater (REDCAT), Los Angeles, EUA, 2017-18; La donación Ferrari, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina, 2014; León Ferrari - Brailles y relecturas de la Biblia, Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina, 2012; Tangled Alphabets: León Ferrari and Mira Schendel, Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA, 2009; 2006; Retrospectiva León Ferrari, Pinacoteca do Estado do São Paulo, Brazil, 2006; Retrospective León Ferrari, obras 1954-2004, Centro Cultural Recoleta (CCR), Buenos Aires, Argentina, 2004; e Politiscripts, The Drawing Center (TDC), New York, 2004. Participou de Think with the Senses, Feel with the Mind: Art in the Present Tense na Bienal de Veneza (Pavilhão da Itália e Arsenal), em 2007, e recebeu o prêmio Golden Lion. Suas obras estão presentes em importantes coleções institucionais, como: Perez Art Museum, Miami, USA (PAMM); Art Institute of Chicago (AIC), USA; Centro Wifredo Lam, Havana, Cuba; Daros Latinamerica Collection, Zürich, Switzerland; Fondo Nacional de las Artes, Argentina; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Argentina; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM- RJ), Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brazil; The Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, USA; The Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA; Tate Modern, London, ENG; entre outros.

Do conceito de verdade em León Ferrari

Lisette Lagnado

Em 2009, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) organizou a exposição “Tangled Alphabets: León Ferrari and Mira Schendel” (sob a curadoria de Luiz Pérez-Oramas) que itinerou para o Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (Madri, Espanha) e a Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre, Brasil), reunindo um amplo conjunto de obras dos dois artistas. A exposição do MoMA procurou dar ênfase às formas de inserir a linguagem verbal no campo da visualidade.

Quase dez anos depois, a cidade de Nova York recebe um recorte preciso da produção de León Ferrari, dessa vez na Galeria Nara Roesler, responsável pela representação do espólio do artista argentino, cujo nome está inscrito na vanguarda artística do experimentalismo e conceitualismo latino-americano. Trata-se agora de olhar apenas vinte colagens e indagar: para que servem esses alfabetos? E o que dizem as imagens com as quais estão associadas?

Entre fragmentos poéticos e sentenças divinas, a curadoria levanta hipóteses acerca do “alfa e ômega” (princípio e fim) de León Ferrari (Buenos Aires, 1920-2013), que levou a ferro e fogo o teor de verdade depositado no verbo. Em hebraico, a palavra “verdade” é *emet*, compostas por letras que também são as primeiras e últimas do alfabeto hebraico, assim como são o alfa e ômega no grego.

Especialmente concebida para o recinto íntimo da galeria, a presente seleção buscou evidenciar um dos fundamentos que atravessa uma vida artística de quase sessenta anos: o prazer erótico. A mostra se articula a partir da colagem *La Venus tocada*, realizada em 1964, em que a escultura sem os braços, completamente despida, está sendo apalpada por onze mãos humanas. Esse número ímpar sugere a intrusão da mão do artista no quadro, enquanto a representação do corpo de costas acrescenta à definição de beleza um valioso componente andrógino.

As demais colagens escolhidas para dialogar com a Vênus de Ferrari datam de 1986-88 e 1996-98, justapondo a necessidade de trazer um repertório além do modelo greco-romano e uma linguagem capaz de remeter à energia sensorial: a iconografia oriental e o braile, sistema de escrita de pontos que caracteriza a leitura para cegos. Ambas são emblemáticas da persistência do tema do amor para o artista ao longo de décadas. Sua concepção, contudo, longe de ser platônica, enfrenta a discriminação da homossexualidade e a misoginia das escrituras sagradas, pontuada de castigos e infernos.

A fusão entre misticismo e cegueira se aplica aos textos e às imagens simultaneamente, considerando-se que texto é imagem. O próprio Ferrari já afirmou que o grafismo em seus quadros deriva de uma mancha abstrata. De fato, em 1962, gravuras (água-forte) e desenhos em nanquim aparecem ainda sem título ou com a designação de “música”, como se fossem partituras – esfera de ação na qual irá se dedicar de maneira radical ao conceber instrumentos

para concertos e performances públicas. O ano seguinte, o artista inicia a série chamada “Cartas a um general”, mas não menciona um remetente específico. Essas escrituras, assim que se adensam em textos, no limite entre legibilidade e invenção, passam a solicitar uma complexa máquina de interpretação.

León Ferrari criou emaranhados de linhas para interrogar excertos canônicos, processo que surge de caligrafias distorcidas a ponto de perder a leitura ou inspirar códigos imaginários, propondo uma língua inacessível. Seu caráter indecifrável alude tanto ao fracasso do projeto racionalista como ao vocabulário secreto empregado em regimes militares com o objetivo de despistar controles policiais. A ideia chegou a ganhar desdobramentos em esculturas de aço inoxidável, bronze e cobre, remetendo à noção de “babelismo”, confusão anárquica entre diferentes idiomas.

A dúvida constitui um instrumento imprescindível na estrutura do pensamento de Ferrari. Em muitos casos, resultou em obras corrosivas, desafiando mandamentos, doutrinas políticas e científicas. Sabe-se que o artista foi membro fundador de CIHABAPAI (Clube dos ímpios, hereges, apóstatas, blasfemos, ateus, pagãos, agnósticos e infiéis) que, em 1997 chegou a solicitar ao Papa a anulação do Juízo Final e da imortalidade e, em 2001, a revogação e demolição do Inferno.

Como explica o artista, as escrituras bíblicas estão na origem desse condicionamento. Ao passo que cenas de sexo e violência são permitidas nas obras de cenas religiosas, decorando diversas capelas italianas sem nenhum aviso prévio referente a seu conteúdo, imagens que expõem o prazer do sexo são suscetíveis de censura.

Assim, as relações entre Arte e Poder definem os eixos principais de sua obra, edificando uma denúncia veemente contra a violência. A guerra do Vietnã em 1965 alicerça a primeira referência explícita do percurso do artista, atravessado por sua incansável luta política na defesa das liberdades. Devido ao golpe militar na Argentina, León Ferrari saiu do país com a família em 1976 e foi residir em São Paulo, retornando definitivamente apenas em 1992.

Nesse sentido, fazendo jus às expectativas que acompanham todo movimento de ruptura, a figura pública do artista tornou-se indissociável de uma produção tão extensa quanto multifacetada, obsessiva, controversa e bem-humorada. Além de interpelar a incoerência dos textos que marcam a civilização ocidental, o artista transferiu o método da dúvida para o universo das imagens, consideradas patrimônios da humanidade por sua qualidade artística, pois as cenas pintadas por Giotto, Tintoretto, Tiziano, Doré ou Rubens, narram histórias bíblicas cujo valor de culto, como apontado por Walter Benjamin, foi substituído pelo valor de exposição.

sobre Lisette Lagnado

Lisette Lagnado (1961, Kinshasa, Congo) é crítica de arte e curadora independente. Formada em Jornalismo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP), onde se tornou mestre em Comunicação e Semiótica, é doutora em Filosofia (Universidade de São Paulo - USP), com uma tese sobre o Programa ambiental de Hélio Oiticica. Fundou, em 1993, o Projeto Leonilson, que permitiu organizar a primeira retrospectiva do artista, morto em decorrência da aids. Autora dos livros Leonilson. São tantas as verdades (São Paulo: Projeto Leonilson/Sesi/DBA, 1995) e Laura Lima. On_off (Rio de Janeiro: Cobogó, 2014), tem diversos artigos e ensaios publicados no Brasil e no exterior. Foi curadora, em 2006, da 27ª Bienal de São Paulo ("Como Viver Junto"); da mostra "Desvíos de la deriva. Experiencias, travesias y morfologías" (2010), no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), em Madri; e do 33º Panorama do Museu de Arte Moderna de São Paulo (2013). De 2014 a 2017, dirigiu a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, onde atuou também como Curadora de Ensino e Programas públicos.

